

Maldicto burro !!!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 8 DE FEVEREIRO DE 1895.

O Verdadeiro Amigo

Não seria licito condemnar a sollicitude do intimo governista, que se atira aos entrelinhados do *Jornal do Commercio*, á guiza dos tempos da monarchia, para defender o sr. Presidente da Republica, ou seus secretarios, das accusações que a imprensa fluminense lhes tem feito de algum tempo a esta parte, — si por ventura o panegyrista Condorcet houvesse sabido conter a sua linguagem, e se isso não custasse o dinheiro da policia, como é quasi certo.

O Sr. Dr. Prudente de Moraes, presidente da Republica, não está privado de ter amigos muito reconhecidos e dedicados; é natural até que o celebre *Medicus*, defensor da permuta de cadeiras tão discutida ultimamente, encontre imitadores entusiastas promptos a endeusar decisões d'esta natureza.

O que, porém, se faz mister profligar energicamente, é a sem cerimonia com que o referido Condorcet interpreta os intuitos da imprensa que critica os actos do governo, attribuindo-lhe moveis pouco nobres e pouco dignos; o que é mister condemnar é a applicação dos dinheiros do Thesouro em publicações entrelinhadas, a trescalar incenso e myrrha queimados no altar da lisonja.

Não é de hoje que se clama contra semelhante processo. Os governos do tempo da monarchia, quer de um quer de outro partido, usaram e abusaram á farta do entrelinhado encomiastico, e seria muito longa a lista dos pseudonymos, que deixaram nome n'estas polemicas.

O vicio passou na massa do sangue para os governos da Republica. O do marechal Floriano Peixoto, esse

elevou á ultima potencia o escandalo, subvencionando fartamente certa imprensa sem escrupulos, não só para defender os actos da dictadura, alcunhada «Legalidade», como para mentir ás escancaradas e para enxovalhar brasileiros irmãos. Exgotaram-se então os vocabularios do insulto e da torpeza, sob o pretexto de sustentar a lei e a auctoridade constituida.

Acreditavamos todos que o Sr. Dr. Prudente de Moraes, esclarecido e bom republicano, não quizesse servir-se d'este expediente. E' certo que Condorcet nem de longe se parece com aquelles ignominiosos escriptores do estado de sitio, paes da calumnia torpe e acorçoadores do assassinato; fazemos-lhe esta justiça. Mas ha na sua linguagem insinuações malevolas e injustissimas que exigem reparo.

Pretende o panegyrista que fallece patriotismo á imprensa, quando ella não reconhece os bons serviços já prestados pelo Sr. Dr. Prudente de Moraes, á sombra de cujo governo podemos gozar de liberdade e garantias desconhecidas até 15 de Novembro de 1894.

Quando foi que negámos estes bons serviços? Não estão ahi as nossas columnas e as de tantos outros jornaes, rendendo preito ao benemerito pacificador do Rio Grande do Sul, ao promotor de reparações justas, ao repressor da indisciplina dos alumnos da Escola Militar?

O que ha pois a concluir com boa razão é que se a esses actos tributámos elogio até pomposo, áquelles que criticámos deve ter presidido o mesmo intuito e o mesmo patriotismo.

E de facto assim é. A imprensa honesta e que se preza não admite sequer a hypothese de vêr aluida a auctoridade do actual presidente da Republica; quer vêl-a forte e cercada do apoio nacional. Mas o que tambem não admite é que á sombra de alguns beneficios reaes, acredite o governo que lhe é licito saltar por cima da lei, de vez em quando, para servir a amigos particulares, ou que pôde descansar sobre os louros colhidos, cruzando os braços, inerme e indifferente, diante dos tremendos males que salteiam a Republica.

A situação é difficil, não ha negal-o; estamos a colher os fructos envenenados da arvore cem vezes maldicta da dic-

tadura de 1891 a 1894. Mas onde estaria o merito do governo, se não tivesse tropeços e difficuldades a vencer?

Nos Estados reina, quasi que do Norte a Sul, com raras excepções, a violencia exercida pelos representantes da politica republicana federal, sem contrapêzo possivel e sem correctivos; as eleições são comedias; o povo geme e clama sem esperanza de vêr respeitados os seu direitos politicos.

Governadores e presidentes desbaratam por ahi os thesouros estadoaes, armam seu batalhões de janizaros, reformam a seu talante constituições, calcam aos pés desavergonhadamente a justiça e a lei.

Deante d'este quadro luctuoso, em que se desacredita o principio republicano dia a dia, é possivel que o chefe do Estado persevere impassivel, amarrado ao poste de uma interpretação tímida do artigo 6º da Constituição?

Eis o que a imprensa lastima, movida pelo proprio bem das instituições e desejosa de saudar no illustre Dr. Prudente de Moraes o salvador da verdade republicana.

O que nos anima é portanto o patriotismo mais caloroso e são. Próvem que nos enganamos em nossos juizos; mas não nos lancem doestos, nem attribuam intuitos menos dignos a uma critica, que só pôde servir de aviso salutar ao chefe da nação.

Estamos ao lado d'elle para o defender, para o aconselhar. Nem thuribulo, nem ponta de espada.

GALDINO DE CARVALHO

Morreu em Santos este companheiro de imprensa, que por muitos annos trabalhou no jornalismo d'esta capital.

Rapaz activo, dotado de bom caracter e de morigerados costumes, deixou entre seus collegas de reportagem uma nomeada recommendavel, e agora, de sua memoria, recordação saudosa.

Paz á sua alma.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (Ouvidor 109; 25\$000 por anno para a capital, 30\$000 para os Estados) continúa a gosar perfeita saude.

Não houve por cá desmoronamento, nem necessidade da applicação da cevada ao rabo, vulgo — providencias da prefeitura municipal.

Descobriu-se em Ribeirão Preto, no Estado de S. Paulo, uma bem montada fabrica de notas falsas, dirigida por italianos e austriacos.

Estes já foram presos. E foi muito bem feito. Por que motivo esses senhores teimam em fazer notas falsas, quando por seus aperfeiçoados processos poderiam fazel-as logo verdadeiras?

Olhem: no tempo da finada Legalidade assim se fez, e o resultado não foi prisão — foram estatuas.

*
**

A *Noticia*, em seu bem organizado serviço telegraphico, dá-nos a grata nova de ter a França participado ás potencias europeas que annexou ao seu dominio colonial a ilha de Madagascar.

Taes potencias difficilmente vão mascar a noticia... Custar-lhes-ha vêr a grande republica europea apossar-se de tantas hovas de uma vez, e concomittamente de sua rainha. E dirão com energia: — uma hova!

*
**

Os jornaes d'esta capital, desabada e federal, noticiam em um só dia da semana finda, tres assaltos para roubar, praticados nas ruas mais centraes da cidade e ás primeiras horas da noite.

Effeitos das novas tarifas da Alfandega e da balburdia do orçamento.

*
**

Singularissimo telegramma publicou o *Paiz* em seu serviço especial, dizendo que o governo francez renovou o seu pedido á Inglaterra para evacuar o Egypto...

Chi! que porcaria! Pois isto pede-se?!

Felizmente tal operação, obrigada a dez toneladas de sulphato de magnesia e cem pipas de oleo de ricino, vai effectuar-se longe, muito longe de nós!...

*
**

Em dias d'esta semana o *Jornal do Brasil* publicou um excellente retrato do conselheiro Carlos Affonso, e deu-lhe por appendice o pomposo titulo de Ras Mankonnen.

O Sr. Chantre tem muito boa pilheria — como diz Eça de Queiroz em seu primoroso livro.

*
**

Communica a Agencia Favas que um individuo, em Bukarest, furioso por haver perdido uma causa judiciaria, foi atirar uma bomba de dynamite sobre a casa do advogado da parte contraria.

Em outro lugar que não fosse Bukarest, e em noticia qae não fosse transmitida pela Favas, tal individuo atiraria a

sua dynamite sobre a casa... do seu proprio advogado.

*
**

Segundo affirma a *Noticia*, o trem rapido de S. Paulo teve ante-hontem apenas 6 1/2 horas de atrazo.

Outro fosse elle, ou menos rapido que fosse — e estaria atrazado de 12 horas.

*
**

Nova importante, mas deficiente, communicou a seus leitores a *Cidade do Rio*:

Acaba de chegar de Montevidéo o illustre jornalista Sr. Cassio Farinha.

Deficiente, n'isto: a *Cidade* diz quando aquelle jornalista acabou, mas não quando começou a chegar de Montevidéo..

E o que faz falta ás notas dos seus amigos,

Os reporters,

ESCENA & MONTRY.

PELA IMPRENSA

CORREIO DOS ESTADOS

Annuncia-se para breve o apparecimento de um novo jornal— *O Correio dos Estados*. Será de grande formato, dizem; e é fiança de que será correctamente redigido e seguramente administrado, a relação dos nomes que se acham á frente da empreza: Dr. Domingos Olympio, Joaquim Lucio e Rocha dos Santos, que de ha muito fizeram suas primeiras armas na imprensa.

Tesde já antecipamos nossos cumprimentos e saudações ao novo collega.

GAZETA DA TARDE

Da radacção da *Gazeta da Tarde* retirou-se o Dr. Juvencio de Aguiar, e de que era chefe ha cerca de dous annos. Segundo declaração sua, incompatibilisou-se, elle republicano fervoroso, com a feição monarchista que aquella folha vai assumindo, pelo acolhimento que dá em suas columnas á propaganda das *exceitencias* do regimen decalido.

Seguramente é para lastimar a retirada do Dr. J. de Aguiar dos arraiaes da imprensa. Penna segura e elegante, servida por um character illibado, por um bom censo e correccção notaveis, é o Dr. Juvencio de Aguiar um collega que honra a classe.

Os propios motivos da incompatibilidade que surgiu entre elle e a folha, onde só deixou amigos, dão testemunho da nobreza e correccção com que procede, não transigindo em questão de principios.

Traduzindo nosso sentimento pela ausencia do luctador, que tão esforçada-

mente vimos combater a nosso lado, defendendo a melhor causa com grande coragem civica, fazemos votos para que tal ausencia seja temporaria, e breve volva elle á tribuna de que é honra e ornamento.

A BRUXA

Cá está! Como apparece catita, chibante, adoravelmente bella!

Como um um raio de sol, qual um jacto de luz vivissima, a nova creação de Olavo Bilac e Julião Machado entrou-nos pelo escriptorio a dentro, a esfusiar graça e bom humor, enchendo-nos de contentamento a alma e de encanto os olhos!

E' tentadora a tal *Bruva*.

Este primeiro numero, de uma revista de pura arte, é um mimo e constitue verdadeiro successo em nossa imprensa.

Fallecem adjectivos elogiosos para ser-lhe tecida a corôa de applausos a que faz jus: um *bravo!* mas retumbante e altisono, substitue a collecção de qualificativos que desejávamos possuir para endereçar-lhe.

A impressão, finissima, augmenta, se é possível, os creditos da casa Bevilacqua. Todo o trabalho é de um apuro que fascina.

Um bravo—mil bravos á *Bruva*.

RABISCOS

A noticia de sensação, em redor da qual os collegas da imprensa sisuda queimam gyrandolas e sobre que polvilham canella em pó— é a que se refere á escolha do Dr. Prudente de Moraes para arbitro na questão entre a Inglaterra e a Venezuela.

O *Jornal* celebrou o caso com umas phrases entusiasticas, lembrando que tão subida honra vem demonstrar que o Brasil já é tido pelo estrangeiro como nação civilisada...

Na *Noticia*, opinião que equivale á da *Gazeta* fez variações sobre o mesmo thema, n'um repto de orgulho por ver o nosso presidente chamado a exercer tão honroso encargo.

✂

Mal cômparando, faz-me lembrar este caso o d'aquelle individuo que convidado para um jantar em casa de um figurão, não se pôde conter que não viesse para a rua do Ouvidor mostrar a amigos e conhecidos a respectiva carta de convite, dizendo-lhes com ar victorioso e esmagador:

— Então, hein?!

✂

E é preciso notar: esse sujeito não tinha queixas a proferir contra o tal figurão. Este não se havia apossado de nenhum objecto que lhe pertencesse, nem occupava á força nenhum pedaço da casa de propriedade sua, incontestavel.

Ao passo que no caso vertente a verdade é por demais triste para nós outros: a figurona que elege o Brasil para dar laudo em questão de seu particular interesse, ainda occupa por meio de uma garrafa lacrada a Ilha da Trin-



Chuvas por cima, chuvas por baixo
Em cada rua - cada riacho!

D. Q. - Amante de tudo quanto é bello e bom, saúdo e abraço a gentil e elegante "Bruxa",
minha collega que honrou-me com a sua primeira visita, rodeada de engraçados
diabinhos que promettem pintar... S. P. - O diabo! É o que estou vendo!

A gente vae passando e de nariz ao vento,
Quando eis que cai-lhe em cima um desmoronamento!

dade, e o seu ministro ainda discute com o Sr. C. de Carvalho direito indisputavel nosso, substituindo a força do direito pelo direito da força, representado por uma simples garrafa — de cerveja Bass provavelmente.



Emfim, os outros batem palmas e desde que assim deve ser, lá vão as minhas engrossar esse verdadeiro *engrossamento* intempestivo.

Sempre de tal caso nos resulta um bem: é desde já ficar sabido que no proximo futuro arbitrando, relativo á nossa questão com a Inglaterra, o arbitro será forçosamente a Venezuela...

Pois vamos com ella.



Até lá resignemo-nos a saber que a Ilha da Trindade, se não é positivamente nossa, ainda positivamente existe no mesmo lugar.

Verificou-o o *Benjamin Constant*, segundo vi em uma correspondencia do *Paiz*. O nosso bello cruzador, que d'aqui sahira com carta de prégo, approximou-se do local e viu a Ilha da Trindade... a quarenta milhas de distancia.

Chegou perto, vamos lá! E verificou que o disputado archipelago ainda subsiste no mesmo sitio, e que John Bull ainda não se deu ao luxo de carregar-o para Europa e encraval-o entre as ilhas do paiz de Galles, pela razão arrogante do *quia nominor leo*.



Não está mudada a Ilha da Trindade; lá se conserva ainda com os seus milhões de caranguejos enormes...

Pois, meus senhores: rendamos graças a Deus — e arbitremos.

A arbitragem é em tal caso honrosa e confortativa, dizem os que sabem. Arbitremos.

LÉO.

A SEMANA

Durante a semana que hoje se finda
Tivemos ainda desmoronamentos,
Agora mais sérios; maiores, mais fortes:
Registram-se mortes, alguns ferimentos.

As casas ruiram, e os pobres soffreram,
Seus moveis perderam; se immergem na dôr.
Desgraças que trazem lamentos terríveis,
Misérias horríveis que causam pavor!

Mas para casos taes

Ha sempre um lenitivo; ha um conforto...
A prefeitura logo comparece,
E dos pobres que vê se compadece:
Revolve tudo que acha nos escombros,
Por entre sustos e por entre assombros!

Faz o que pôde... faz!

Depois do asno morto...!



Esta terra está civilisada
Do progresso na via já entrou:
Assassinios, aos tres de pancada,
N'um só dia, contente, contou.

Mulher-dama, mineira, zangada,
Um sujeito, feroz liquidou;
Deu-lhe um tiro porque... que massada!
Uma feia proposta elle ousou...

Um velhinho, por conta atrazada
Que um rapaz jamais não lhe pagou,
Arrumou-lhe certa facada
E assim d'esta p'ra a outra o mandou.

N'outra rua, por bonds cortada,
Outro crime. O assassino *vouu*...
A policia dormia, coitada!
Só mui tarde foi que dispertou.

Fóra estes, a imprensa atilada
Outros crimes, e mais, registrou;
— A mulher que se achou degolada,
— Um que morto a facadas se achou.

E' bem certo que civilisada
Esta terra já está. Já mostrou
Que é perfeita, não falta mais nada:
Do progresso na via já entrou!



Facto notavel, estrambotico,
O que se dá pelos cartorios
Da nossa boa capital!
Os autos, oh! cousa terrifica,
Perdem-se ahí como uns simplorios...
Assim se vão, mas não por mal.
Afirmam já — linguas maleficas! —
Que anda bruxedo n'este caso;
Outras dizem que roubo é.
Mas não ha tal. São autos pifios...
Nem roubo nem obra de acaso:
Taes autos têm — pernas e pé.

Tem pernas, pés; e muito lépidos
Vão abusando dos incautos,
— Fogem das mãos dos escrivães...
Ha para o caso um bom remedio:
Que sejam presos esses autos!
Elles (os autos) são uns cães...



Diz a *Gazeta*,
E não é peta,
Que em Buenos-Ayres está Lopes Trovão.
Entrevistado,
Disse pausado,
Que alli foi dar a ultima demão,
A'quelle tal
Descommunal...

Ao *Meu Discurso*, fadado a um barulhão.

Mil parabens á gente do Senado:
Vem breve á luz discurso tão fallado.



A *Noticia* nos dá noticia,
De accordo com a opinião publica,
Que já são seis os que a *felicita*
Querem fazer d'esta Republica.

São Campos Salles, mais Quintino,
O Rosa e Silva, Affonso Penna;
O Ruy Barbosa... e entra em scena
Lauro Sodré — que é um menino.

São estes seis os candidatos
A occupar a presidencia;
Os que por seus notaveis actos
A tal lugar tem preferencia.

José Carvi recorda ao povo
Um nome nunca assás louvado:
O do Castilhos... Bem lembrado!
Tem graça o Carvi! E eu o louvo!

Cá, quanto a mim, se qualquer d'elles,
Por pae Glycerio será feito,
Acho que é torto, e não tem geito,
Metter ahí pilheria réles!

Este negocio é muito serio;
E um meio ha que a coisa solve:
Se é o Glycerio que a resolve
— Que seja eleito o pai Glycerio!



No Matadouro uma *grève*
Quasi ao bife poz entrave;
Durou pouco, vida breve:
Não foi uma *grève* grave.

Compareceu o prefeito
Por ver que o caso ia torto.
Metteu o forceps com geito,
E resultado: — um aborto.



Um clarão n'este instante nos fere
O espaço em redor... cai-me a penna!
E' a *Bruxa* que surge na scena:
Bravo, bravo á gentil *soecièrè*!

Que commande, que reine, que impere
Nos dominios da Arte e da Graça!
Tem o Sceptro; Rainha se faça.
— Viva a *Bruxa*, a gentil *soecièrè*!

F. MENDES.

BELLAS ARTES

O concurso para os monumentos do marechal
Floriano e General G. Carneiro

Como infelizmente entre nós as cousas mais sérias são vencidas pelo absurdo, e que para isso não se duvida sacrificar a razão, o bom senso e a justiça, devemos, nós, os jornalistas que temos por obrigação enxergar um pouco mais e cujo dever é esclarecer o publico, dizer duas palavras acerca dos monumentos que se pretende erigir ao Marechal Floriano Peixoto e ao General Gomes Carneiro.

O fim, muito louvavel de ver reproduzidos em bronze os brasileiros que em nossa patria occuparam posição saliente, pelos seus feitos ou pelas suas obras, tanto no militarismo como nas lettras, na politica, na arte ou nas sciencias, emana certamente do mais elevado patriotismo e constitue, alem de uma justa homenagem a esses que se tornaram dignos d'ella, um documento para o futuro do nosso estado de adiantamento em materia de bellas-artes, e portanto de civilisação.

Já temos alguns: o do D. Pedro I, o de José Bonifacio de Andrade, executados em Paris pelo esculptor Rochet; o de João Caetano, o grande actor brasileiro, executado aqui na Capital pelo esculptor Chaves Pinheiro; o do General Ozorio, igualmente feito aqui pelo esculptor Rodolpho Bernardelli, e brevemente o do Duque de Caxias e o de Alencar, que se acham concluidos mas ainda não collocados.

A não ser os dois primeiros, o equestre de D. Pedro I e o do patriarca da Independencia, José Bonifacio, todos os outros são nacionaes, executados no Rio de Janeiro e por artistas nossos.

Além d'esses monumentos artisticos collocados nas praças publicas, temos na Escola Nacional de Bellas-Artes verdadeiros primores em escultura, que collocam esta arte entre nós acima das demais nações sul-americanas.

E' esta a opinião de todos os estrangeiros que por aqui passam e melhor do que nós sabem dar valor ao que temos de bom.

Não admira portanto que em S. Paulo se ignore que em materia de escultura, não receíamos a concorrência dos melhores artistas europeus.

Digo europeus, pois que, entre nós, só ha um no caso de executar obras d'esse quilate.

Se assim não fosse seríamos os primeiros a aconselhar um concurso entre os artistas esculptores nacionaes.

E' preciso que a commissão encarregada de mandar executar essas obras, que tanto devem influir, no futuro, para aquilatar o progresso artistico de S. Paulo n'esta epocha, não confunda a execução de um monumento artistico com um fornecimento de calçado ou outra qualquer cousa, em que, mesmo assim, os concurrentes são obrigados a dar provas de sua capacidade na execução dos contractos.

Perguntamos: quem são os artistas esculptores entre nós que poderão concorrer apresentando trabalho de sua lavra?

E' possível que os encarregados de mandar executar monumentos de tamanha importancia os confiemos a qualquer especulador audaz e sem consciencia, mas que sabe que o empenho vale mais do que o merito?

Não temos um exemplo d'isso com a estatua de Tiradentes em Ouro-Preto?

Se a capital do Estado de Minas, victima d'esse systema de favoritismo, é obrigada por longos annos a contemplar aquelle aleijão, não vejo porque a de S. Paulo não tome as devidas precauções para não lhe acontecer o mesmo.

Cumprindo assim o nosso dever em bem da arte nacional, que pôde-se manifestar brilhantemente pela boa execução dos monumentos em questão, a commissão encarregada de mandar executar os não os confiará, estamos convencidos, senão a quem tiver dado provas de boa execução em trabalhos de escultura.

Agora duas palavras a certos individuos que querem impingir absurdos e não veem outra cousa n'essas estatuas do Marechal Floriano e General Gomes Carneiro senão uma pepineira rendosa em troca de alguma bota em bronze que elles se propõem ou proporão a fazer, apresentando-se candidatos.

Um d'elles já está preparando o terreno para isso escrevendo n'*O País* umas tolas sensaborias entre as quaes destaca-se a seguinte:

«Entre o pincel e o buril não ha differença alguma; qualquer pintor, portanto, pôde de um dia para outro, fazer-se esculptor.»

Bem dissemos, em tempo, que o tal positivismo andava a virar a cabeça á gente!

Não daremos importancia alguma a taes disparates; só observamos o seguinte:

Se o grande Miguel Angelo foi pintor e esculptor—o que não contestamos—isto será uma razão para que o auctor desses artigos, que me dizem ser de um simples pintor, se julgue um novo Miguel Angelo?

E' o que se chama modestia positivista.

N'esta questão só ha um modo de encaral-a. Ou é séria, e n'esse caso deve-se confiar a execução dos monumentos a artistas esculptores que já tenham dado provas de si, tanto aqui como no estrangeiro, em trabalhos identicos, ou é uma pilheria inspirada por sebastianistas que inventaram um concurso de estatuas, apresentando projectos *desenhados em escala de cinco millimetros por metro!!!* o que permittirá a qualquer borbobotas apresentar-se e obter a encomenda!

Resultado: No dia da inauguração—se ellas se inaugurarem—o povo, indignado de vêr a caricatura dos dois vultos hrasileiros, porá a baixo as ditas estatuas e os sebastianistas esfregarão as mãos de contentes.

Em compensação o governo de S. Paulo terá gasto quinhentos contos de réis!

Relendo de novo o edital sobre os ditos monumentos, parece-nos, pelo modo como são redigidas as clausulas para a apresentação dos projectos, que se trata antes de um monumento para architectos, como se fôra um edificio, e não de duas estatuas, uma das quaes é equestre, e que só pôdem ser executadas por esculptores de reconhecido merito.

Para esses não ha necessidade de plantas em escalas lilliputianas de 0,005, (*5 millim. por metro!!*)

O edital deve apenas exigir que os concurrentes apresentem um projecto, não desenhado, mas em gesso e na proporção, ao menos de 5 centimetros por metro—o que permite vêr o monumento por todos os lados e ter-se uma perfeita idéa, assim em pequeno, do que elle será em grande.

Se não quizerem ter massadas para o futuro, com recriminações justas da parte do povo paulista, não procurem o desconhecido ou o problematico, por meio de um concurso entre pessoas incompetentes, quando pôdem ter uma obra d'arte perfeita, executada por artista experimentado que o Brasil tem a felicidade de possuir.

Hesitar é uma falta de patriotismo e um crime de lesa-arte.

A bella cidade de S. Paulo bem merece ter monumentos artisticos dignos de seu grande progresso e não inferiores aos da nossa Capital Federal.

A. A.

THEATROS

Não é bem theatros, que se deveria escrever ao alto d'esta secção. Carnaval é que é.

Porque a verdade é que actualmente se observa algum movimento nas nossas casas de spectaculo, onde as tiradas dramaticas são substituidas por um *Você me conhece?* muito mais expressivo do que o perenne sorriso da Sra. Rosina Belle-

grandi, muito mais impressionista do que os arrancos tragicos do Sr. Soares de Me-deiros.

Já o Eden-Lavrado, cuja direcção seguramente entende do riscado, effectúa os seus bailes á fantasia, nos quaes, previne com tempo o annuncio—não ha senha. Nem santo.

Isso! Baile de fantasia, é o que melhor tem a cultivar o actual theatro nacional. Mascaradas e chocalhos, pierrots e guizos, ao som do *fandanguassu*, que é o prato de resistencia d'essas exhibições carnavalescas em que perennemente vivem os theatros.

Mais bailes á fantasia. Mais e muitos.

Pão pão, queijo queijo; La guerra Santa; a Rainha dos Genios, exhalam os deradeiros suspiros nos palcos do Lucinda, do Recreio e do Eden.

No Variedades uma novidade, novinha do trinque:—a *primeira* representação do *Castello do Diabo*, segundo leio nos annuncios.

Primeira—n'aquelle theatro, o que é uma novidade digna da maior consideração e do mais vivo enthusiasmo.

No Apollo subiu á scena *A Cábula*, opera comica franceza, traduzida por M. Sampaio e F. Coimbra.

Deve ter sido bem traduzida, pois; e a musica, de Roger, é necessariamente bonita.

Que a nova peça, cujo titulo parece exprimir uma allusão á sua antecessora,—a *Ilha da Trindade*, tão encabulada na diplomacia—não venha encabular á infatigavel empreza.

E quanto ao mais: vamos aos bailes mascarados, annunciados para os salões dos theatros.

Estes, atirando-se ao genero, que mais lhes convem, apenas denotam uma singularidade: é tirarem as mascaras presisamente na epocha em que todo o mundo as põe...

Cousas do carnaval-theatral.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

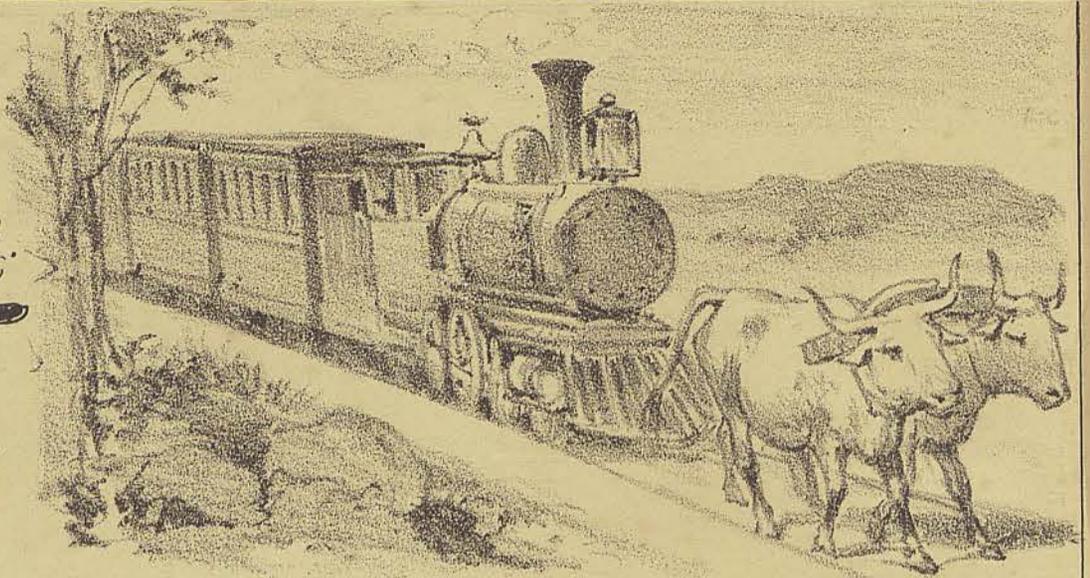
ESTRANGEIROS ILLUSTRES e prestimosos no Brasil, desde os principios d'este seculo até 1892. Relação organizada pelo Sr. Visconde de Tannay. Revela trabalho paciente e acurado, e é resposta esmagadora aos ineptos prégadores do nativismo.

AGGRAVO DE PETIÇÃO n. 799, acção proposta para a cobrança do valor dos bilhetes do Ypiranga. Redigem o memorial dos aggravantes os advogados desembargador R. Furtado Cavalcanti e A. Veriano Pereira.

APONTAMENTOS para a historia do Segundo Reinado, importante trabalho do antigo republicano, Sr. Julio da Silveira Lobo, de que mais de espaço occupar-nos-hemos.

ALMANAK DO BRÉSIL RÉPUBLICAIN, interessante e bem organizado, trazendo muita materia de leitura amena, gravuras, romancetes, anedoctas, artigos litterarios, contos e annuncios illustrados,—um volume, emfim, apreciavel sob todos os pontos de vista.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL



- Sangue e mais sangue!
 - Revolvers e punhaes! Navalhas e
 machados! Assassínatos e suicídios!
 - Sarrabulhenta semana!!!

Consta que o Sr. Director da E. F. C. do B., attendendo ás
 justas queixas dos viajantes, mandará pôr uma junta
 de bois para accelerar a marcha do Rapido, sempre
 em atraso de 6 horas!



Os processos de Sebastião de Pinho e outros grandes
 capitalistas tem causado grande reboliço e assom-
 brosa actividade no nosso Foro.

Não ha mezas, escrevaninhas, cofres
 - Sobretudo cofres - que a confraria da
 Sôia preta não tenha mechido e re-
 mechido, á cata de títulos, accções, debên-
 tures etc.



No meio de todo esse sasilho judiciario
 alguns autos - espavoridos naturalmente -
 desapareceram... voaram...

Não importa... O essencial é que fiquem os cobres.
 - Chegou tambem o dia do nosso encilhamento!
 - Olaré! E digam lá que a Justiça não é uma bella
 instituição!